

NÓS FICÁVAMOS PRESOS À HISTÓRIA

Ondjaki

- ▶ *Homem-aranha*, Stan Lee e Steve Ditko
- ▶ *Surfista Prateado*, Stan Lee e Jack Kirby
- ▶ *Fantasma*, Lee Falk e Ray Moore
- ▶ *Nós matámos o Cão Tinhoso*, Luís Bernardo Honwana
- ▶ *As Aventuras de Astérix*, Goscinny e Uderzo
- ▶ *Colecção Uma Aventura*, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
- ▶ *Quem me dera ser onda*, Manuel Rui
- ▶ *As Aventuras de Sherlock Holmes*, Conan Doyle
- ▶ *Vidas Secas*, Graciliano Ramos

Livros do Homem-aranha: eram livros de banda desenhada, mas lembro-me que era um super herói de que eu gostava muito. Tinha algumas limitações nos seus poderes, e a sua visão do mundo e das pessoas era sempre humana. Além de que era uma herói que também sofria.

Livros do Surfista Prateado: depois li também os livros do Surfista Prateado (juntamente com os do *Demolidor*). Novamente eram heróis solitários, e o Surfista Prateado deambulava por estórias sem muita acção. O que era interessante, porque o que interessava ali era a sua estória de vida.

Livros do Fantasma: os livros do Fantasma foram-me quase todos passados pelo primo, Amilcar, que tinha uma colecção. O Fantasma era também muito humano, e não tinha super-poderes, era mais algo de astúcia e força física. Mas tinha preocupações em defender a floresta, etc.

O conto *Nós matámos o Cão Tinhoso*: foi muito cedo, na escola pública, que tomámos conhecimento do conto do Cão Tinhoso, escrito pelo moçambicano Luís Bernardo Honwana. Era um conto muito bonito e que provocava diversas reacções às crianças, mas ninguém ficava indiferente. Em Luanda, ainda hoje, quase toda a gente da minha geração se lembra deste *Cão Tinhoso* quase como um cão real. Ele e a sua amiga Isaura. O conto é lindíssimo, e além do ler na escola, algumas vezes também o lia em casa, sozinho, sofrendo com o desfecho da estória.

Livros do Astérix: os livros do Astérix realmente foram uma surpresa na minha vida. Eram de uma banda desenhada com muita qualidade, e ensinavam muita coisa sobre a geografia e também sobre o latim. Cedo comecei a perguntar ao meu Tio

Joaquim, que falava latim, o que significavam as frases que um ou outro personagem de vez em quando diziam em latim. A ambiência mágica e de aventura ajudavam a fazer daqueles livros uma delícia de ser lida. Cheguei a ter quase a coleção completa.

Livros da coleção *Uma aventura*: um pouco mais tarde, alguém me ofereceu um livro da coleção *Uma aventura*. Era um desafio, porque o livro era já maior e tinha poucas ilustrações. Mas rapidamente achei as histórias empolgantes, criativas e com a dose certa de suspense. Passei a pedir que me trouxessem mais livros desses de Portugal, e cheguei a ler muitos.

O livro *Quem me dera ser onda*, de Manuel Rui (recentemente reeditado pela Caminho): a história do livro *Quem me dera ser onda*, na minha vida, passa por belas tardes, depois do almoço, passadas na praia com o meu Tio Beto. Porque depois do almoço ele lia-nos essa história, encenando com a voz algumas das melhores partes. Nós ficávamos presos à história, que é muito bonita, e era um momento de estarmos todos juntos, à volta dele, a ouvir aquela história cheia de coisas incríveis, com as crianças de Luanda, que éramos nós, e um porco chamado Carnaval da Vitória. Aconselho vivamente a leitura deste livro a leitores de qualquer idade.

O livro dos contos de Sherlock Holmes: também foi da casa do tio Joaquim que me chegou o livro de Conan Doyle, sobre as aventuras de Sherlock Holmes. Coincidiu que na televisão angolana, no mesmo período, estavam a passar algumas dessas fabulosas aventuras. Então decidi lê-las, porque era uma leitura empolgante e rica em detalhes. Aprendi muito com esses livros e cheguei mesmo a fazer algumas tentativas de escrita nesse estilo. Mas nunca foram adiante. Os livros de Graciliano Ramos: já quase no fim da infância, também vindos da casa do tio Joaquim, chegaram-me alguns livros do autor brasileiro Graciliano Ramos. Eu já devia ter 14 anos, não sei se a isso ainda se chama infância, mas eu acho que sim. Li com muito curiosidade, e agrado, livros como *São Bernardo*, *Vidas Secas*, ou *Caetés*, e era uma escrita densa, muito mais pesada e séria. Mas eu gostava da ambiência dos livros e do modo dele de escrever. Julgo que aprendi muito com essas leituras.



Ondjaki nasceu em Luanda, em 1977. Prosador e poeta, também escreve para cinema e co-realizou um documentário sobre a cidade de Luanda (*Oxalá cresçam Pitangas – histórias de Luanda*, 2006). É membro da União dos Escritores Angolanos. Alguns livros seus foram traduzidos para francês, espanhol, italiano, alemão, inglês e chinês.